

PARA UMA INDIVIDUAÇÃO DOS MANUSCRITOS POÉTICOS PÓSTUMOS DE CÉSAR VALLEJO

Por **Flaviano Batista do Nascimento e Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista**, tradução do original em espanhol de BALLÓN-AGUIRRE, Enrique. *Hacia una individuación de los manuscritos poéticos póstumos de César Vallejo* in *ASEL*, vol.27, nº2. AÑO 46, 2022

RESUMO. Atualmente há uma deficiência notória nos estudos poéticos: a ausência teórica e metodológica para tornar explícitas as etapas dos rascunhos até chegar à versão impressa de um poema. A partir do corpus de trabalho constituído pela edição diplomática dos manuscritos e tipos escritos poéticos de César Vallejo, abordaremos esse processo textual, adaptando para este propósito os critérios da «*Bricolage intelectual*» de C. Lévi-Strauss, os textos autenticados de F. de Saussure e os instrumentos de individuação propostos por G. Simondon. Uma vez descrita a evolução deste corpus, numa etapa posterior da investigação, tentaremos interpretar sua transdução textual a partir da Semântica interpretativa e dos trabalhos posteriores de F. Rastier sobre simbolismo.

Palavras-chave: Manuscritos poéticos; Bricolagem intelectual; Individuação; semântica interpretativa, simbolismo.

“Há uma gênese das formas como há uma gênese da vida” (SIMONDON, 1989: 74).

Tal é o verdadeiro problema que convém abordar em sua obra, hoje quando a ideia de ser-estar se desagrega e que, portanto, arriscamos perder-nos, numa vigilância inútil, a razão da poesia. (BONNEFOY, 1976, p.40)

A abordagem que se expõe em seguida tem por finalidade dispor de um bastidor de reflexões capaz de sustentar, numa etapa subsequente, a interpretação genésica dos manuscritos poemáticos póstumos do escritor peruano César Vallejo, um corpus de formas autográficas (rascunhos, apontamentos, bosquejos e esboços)¹, compilados na edição diplomática correspondente². Assim, em seguida, tratar-se-á apenas de organizar um compêndio de lineamentos teórico-metodológicos para abordar, em seu devido momento e, em princípio, com a pertinência suficiente, o exame (descrição e análise) do citado *corpus* do ponto de vista da textologia.

Ao renovar agora, uma vez mais, esta inquietação descritivo-analítica de velha data³, cabe recordar o avanço das investigações na matéria durante os últimos cinquenta anos, especialmente graças ao encontro, em 1996, dos manuscritos de Ferdinand de Saussure e, com isto, do reajustamento radical de suas contribuições para essa disciplina. A isto, acrescenta-se tanto

1. Forma, do gr. μορφή, aparência, aspecto exterior, e εἶδος, figura, aspecto exterior, forma, forma mental; do lat. forma, conjunto de características exteriores que caracterizam um objeto, uma figura, uma representação ou uma imagem. A noção de forma leva aqui o sentido de informar em sua acepção etimológica do lat. informar, dar forma ou realidade a algo, sentido que corresponde ao termo autógrafo, do gr. αὐτό-γραφος e do lat. autographum, escrito por sua própria mão.

2. Cfr. (BALLÓN-AGUIRRE, 2018, 2019a)

3. Trata-se da minha tese de doutorado realizada no final de 1971 na Universidade Nacional Maior de San Marcos de Lima (BALLÓN-AGUIRRE, 1974) e republicada com mudanças (BALLÓN-AGUIRRE, 1986).

a reformulação teórica da individuação⁴ como os atuais dispositivos da linguística interpretativa. Consta que estes critérios teóricos e metodológicos concorrem para reedificar as investigações textuais, por exemplo, para delinear o estudo genésico dos manuscritos novelísticos⁵, mas o mesmo não acontece com os autógrafos poéticos. No entanto, e não poderia ser de outro modo, as perguntas-chave permitem também alinhá-la à tarefa concreta de um textualista poemático⁶: “Como relacionar os traços da gênese da obra à interpretação do texto final? Como articular a elaboração das fontes às transformações internas do texto?” (RASTIER, 2018: 159).

Para começar a aclarar essa tarefa urgente, de fato, ele não procura alcançar uma axiomática dos manuscritos poemáticos, mas dispõe de uma plataforma reflexiva que permita iniciar o trabalho e desde que o desbravamento dos manuscritos não possa ser, adequadamente, pensado por uma propedêutica determinista nem tampouco a partir de uma teoria da escolha livre das ações ou na especulação sobre os acidentes, e optado por investigar, hipoteticamente, os meios da bricolagem proposto por Claude Lévi-Strauss, capazes, em princípio, de facilitar a objetividade da nossa empresa. Em segunda instância, tratar-se-á de condicionar, sempre hipoteticamente, aqueles modos e graus de individuação genésica propostos por Gilbert Simondon⁷, susceptíveis de captar e descrever as formas poéticas autográficas, ou seja, de averiguar os alcances do regime individualizador de cada um dos manuscritos e manuscritos poemáticos de Vallejo, coletados nos legados, pacientemente reunidos pela viúva do escritor, a Sra. Georgette de Vallejo:

- os autógrafos genésicos redigidos a grafite e a tinta,
- os manuscritos genéricos, também alterados a lápis e tinta;
- pinceladas sintagmáticas ou nonáticas, apontadas apenas a lápis.

Pois bem, François Rastier previne sobre as inevitáveis margens do modelo concebido por Simondon para a objetivação do nosso atual campo de conhecimento e estudo:

A teoria de Simondon é potente, mas fatalmente geral e sem relação precisa à linguagem; porém, ela permite dinamizar as linhas de reescritura e de hierarquizar seus momentos sem recorrer a uma intenção enunciativa puramente conjectural (...). Quanto aos rascunhos, não é fácil classificar, no tempo, as diferentes operações de trabalho (e saber por que certas pistas são abandonadas) [RASTIER, comunicação pessoal].

A fim de corrigir, na medida do possível, as deficiências assinaladas, nomeadamente as relativas à linguagem e ao traçado dos manuscritos e tiposcrito poemáticos, procurar-se-á, em terceiro lugar, conciliar com nosso objetivo as propostas epistemológicas e metodológicas de Ferdinand de Saussure⁸, tudo com o propósito de, chegado o momento e a pertinência desejável,

4. A não confundir com a pessoa do sujeito como indivíduo social (RASTIER, 2016, p. 26).

5. Uma amostra a destacar: “*Flaubert et les Hérodíades*” (RASTIER, 2018b, p. 159-207).

6. Textualista, recordemos, é a pessoa que “ao ler limita sua atenção ao texto, sem se preocupar com glosas ou explicações” (DUE).

7. Trata-se de adotar e adaptar a descrição e interpretação dos autógrafos poemáticos às noções relativas à informação primeira, potencial, ressonância interna, metaestabilidade e ordem de grandeza.

8. F. Rastier especifica o alcance de tais indicações: “Rompendo especialmente com a referência e com a teoria representacional de conceitos, Saussure refuta os principais princípios da tradição ontológica ocidental: 1) Ele reduz entidades linguísticas

aplicá-los a aspectos disciplinares da linguística interpretativa, além de, em última instância, os avanços sobre o simbolismo linguocultural suscetíveis de aceder à compreensão diferencial das formas poéticas autografadas de Vallejo.

Resta-nos, somente, advertir que os postulados hipotéticos que se apresentem em seguida não serão aproveitados em toda sua magnitude teórica e prática, mas serão calibrados à medida dos requerimentos descritivos e interpretativos do corpus integral e os sub-corpus a examinar.

1. Bricolagem intelectual

O primeiro passo para preparar a intenção indicada exige concertar uma ferramenta metodológica, pelo menos, rudimentar. Como foi anunciado, este instrumental operatório será transvasado graças ao dispositivo que Claude Lévi-Strauss denominou ‘bricolagem intelectual’, originalmente proposto para esfoliar o relato mítico, desenvolvido no capítulo: “A ciência do concreto”, de seu livro *O pensamento selvagem* (LÉVI-STRAUSS, 1962: 26-33)⁹. Ali, entre as opções adequadas para o nosso empenho, encontra-se, antes de tudo, o desvio (*DESLINDE*) dos «materiais», ou seja, dos suportes textuais que receberam as formas poéticas autógrafas de Vallejo. com a respectiva codificação sinótica dos signos diacríticos para a sua versão grafemática. Tudo se encontra devidamente solucionado nas duas entregas da edição diplomática mencionada.

Para além destes suportes textuais, é necessário um «equipamento» funcional para utilizar no seu exame, “um conjunto em cada instante finito de úteis ou materiais” (LÉVI-STRAUSS, 1962: 27,28). A variedade dos «operadores» a ser posta em prática por quem escolhe e aplica a bricolagem, “define-se unicamente pela sua instrumentalidade” e a sua vantagem reside no fato de as noções desses instrumentos funcionais procederem, afirma Lévi-Strauss, “a meio caminho entre o percebido e o conceito”, ao que agrega um «intermediário» entre o percepto (que imediatamente substitui com “a imagem”) e o conceito. Baseando-se no “escrito extensamente apócrifo” atribuído a Saussure (1972)¹⁰, Lévi-Strauss determinou que tal “categoria particular” intermediadora são os signos linguísticos “como um vínculo entre uma imagem e um conceito que, na união assim realizada, desempenham, respectivamente, os papéis de significante e significado” (Ibid.). No entanto, como aí consta, no consenso linguístico esse então tratava ora do sinal como índice, baseado na inferência, ora do sinal formal, adscrito à referência¹¹, mas de modo algum do símbolo linguístico que, efetivamente, corresponde ao sinal saussuriano fundado, sobretudo, na diferença contextual:

a feixes de relações que delinham formas e não substâncias. São constituídos por diferenças; 2) bem compreendido, o contexto imediato ou distante torna-se constitutivo, e não aceita mais nenhum princípio de identidade. Não se pode afirmar $A = A$, pois cada ocorrência difere de todas as outras; 3) O que foi dito estabelece (...) a epistemologia e a metodologia de uma descrição científica das diversidades linguísticas no quadro de uma semiótica das culturas históricas e comparativas”. (RASTIER, 2015b, p. 121).

9. Cfr. (FAGES, 1972, pp. 67-69).

10. Recordemos que esta obra atribuída a Saussure é tida como “apócrifa” por JAKOBSON, FEHR e RASTIER (2015b, p. 23,27,34,42) e que LÉVI-STRAUSS e JAKOBSON estudaram em colaboração o soneto *Les chats* de Baudelaire, cfr. (JAKOBSON, 1973, p. 401-419).

11. O antropólogo prossegue: “Como a imagem, o signo é um ente concreto, mas se parece com o conceito por seu poder referencial: um e outro não se remetem exclusivamente a si mesmos, podem substituir outra coisa além de si mesmos. No entanto, a este respeito, o conceito possui uma capacidade ilimitada, enquanto que a do sinal é limitada. A diferença e a semelhança resultam bem do exemplo do bricoleador” (LÉVI-STRAUSS, 1962: 28) [O destaque é nosso].

o ‘signo saussureano’ não tem nada de algo já dado (como o seria uma cadeia de caracteres): se define pelo emparelhamento do significante e do significado, mas também por suas relações contextuais e textuais com outros signos, tanto que a sua identificação é o resultado e não o ponto de partida de uma interpretação. (RASTIER, 2015: 50)

No passo seguinte, Lévi-Strauss adverte que a combinatória das “unidades constitutivas do mito (...) que coleciona e utiliza o bricoleador” é limitada, «pré-coactada», porque essas unidades míticas são “emprestados da língua onde possuem já um sentido que restringe a liberdade de manobra” (LÉVI-STRAUSS, 1962: 29). No entanto, a aplicação deste procedimento para a análise do relato mítico difere, notavelmente, do envolvimento e aplicação da bricolagem apropriada para a tarefa em curso. Os sinais escolhidos para empreendedorismo individual são, de fato, signos metalinguísticos cujos significantes e significados, embora “possuam um senso que restringe a liberdade de manobra” e não pertencerem à língua de uso ou língua de serviço, são formados unicamente no interior do paradigma cognitivo escolhido que, neste caso, é a teoria da individuação, temperada pela concepção diferencial dos signos. De tal modo que esses signos metalinguísticos, sendo um inventário de termos especiais — ou terminologia funcionalmente definida para seu emprego na mesma metalinguagem a que pertencem — são demarcados, isto é, «pré-coibidos» em seu seio e, portanto, alguns deles serão escolhidos e dispostos a serem reabilitados em nosso projeto; em outras palavras, seus sentidos originais serão relativamente modificados para cumprir sua função de operatividade processual na presente pesquisa. É por isso que o conjunto de noções a utilizar no decorrer deste trabalho, não será agenciado nem como paradigma hipotético nem como êmbolo teórico provado, mas como instrumento metodológico funcional e, em consequência, a sua aplicação não implicará analogia ou comparação, mas sim uma extrapolação através de muros nocionais coativos.

2. Individuação genética

Como resultado do processo de transvasamento ou extrapolação nocional a aplicar para a bricolagem operatória, basear-me-ei nas reflexões teóricas e contribuições instrumentais elaboradas por Gilbert Simondon para o que ele chama “a ontogenia da individuação” (SIMONDON, 1989, pp. 46, 258 n. 1); portanto, o transvasamento nocional do paradigma de Simondon, apesar de sua relativa novidade para o projeto em gestação, advertida por Rastier, pode ser incidentalmente resgatado em qualquer coisa de útil. Para isso, conto com alguns itens consertados a fim de extrapolar o instrumental metodológico que merecem, sobretudo, evitar evocar “uma intenção enunciativa puramente conjectural” e, ao mesmo tempo, justificar/direcionar nosso procedimento. São os seguintes:

2.1. Suportes textuais

Hoje sabemos que todos os manuscritos e tiposcritos poéticos de Vallejo são suportes das séries de formas constitutivas dos objetos-poemas¹². Estes suportes não se caracterizam pela sua simplicidade constitutiva, mas pela complexidade e riqueza das séries de sintaxes reformadas e restabelecidas em seu futuro; dito de outra maneira, pela gênese — individuação genésica — constitutiva de cada um dos poemas vallejianos póstumos ora de sequência individualizadora evolutiva, mediante operações de desequilíbrio metastáticas (genésicas) ora, pelo contrário, sem sequência alguma (nonáticas), pois permaneceram em seu estado pré-individual de equilíbrio estático (esboços que podem ser esboços sintagmáticos ou lexicais).

Efetivamente, as operações genésicas pertencem aos sistemas metaestáveis (ou metaestáveis)¹³, notação retirada da Gestaltpsychologie que, no caso dos manuscritos e tiposcritos poéticos de Vallejo, quando da comparação das versões poemáticas de texto numa interpretação linguística de etapas ontogênicas comparadas, designa a reversibilidade constante de suas lexias e sintagmas irreduzíveis às ordens de identidade, de unidade e de alteridade, dado que procedem por fases ou «Saltos quânticos poemáticos», no sentido de grandezas poéticas descontínuas¹⁴ mas relacionadas¹⁵ através de equilíbrios momentaneamente sucessivos (rascunhos e esboços).

2.2. Individuação transdutiva

No processo de individuação que nos toca, ou seja, na ação de caracterizar e particularizar o lugar textual de um determinado poema póstumo de Vallejo distinguindo-o dos demais de sua índole, por exemplo, dos também considerados em coleção que inclui o estudo¹⁶, da palavra transdução à ação de transferir o elemento sógnico escolhido para a transferência já realizada desse material sógnico entre as versões topológico-textuais, evolutivamente consideradas no interior de cada um dos recintos textuais acoplados em sequência; e, correlativamente, designo com o apelativo transdutor ao escritor Vallejo que transferiu a informação topológica dada de uma versão textual a outra versão textual, na tentativa de formalizar, evolutivamente certo, “textus plenus”, objetivo que, como se sabe, no caso desses poemas póstumos terminou em fracasso. De fato, tais versões genéticas, isto é, cada sintagma como indivíduo textual em devir, procede de trocas

12. Simondon explica: “para dar conta da gênese do indivíduo[-poema] com seus caracteres definitivos, há que supor a existência de um termo primeiro, o princípio, que traz em si o que explicará que o indivíduo[-poema] seja indivíduo[-poema] e dará conta de sua eceidade. Mas fica precisamente por mostrar que a ontogênese pode ter, como primeira condição, um primeiro termo: um termo é já um indivíduo ou, pelo menos, algo individualizável e que pode ser fonte de eceidade, que pode tirar partido de eceidades múltiplas; tudo o que pode ser suporte de relacionamento é já do mesmo modo de estado que o indivíduo[-poema] (...). A matéria pode receber uma forma e nesta relação matéria-forma jaz a ontogênese” (SIMONDON, 1989, p. 10).

13. Para o processo de individualização poética metaestável, ver infra § 2.3; cf. (RASTIER, 2016, p. 154-161), (BALLÓN-AGUIRRE, 2017, p. 336).

14. Ver (GARELLI, 2005, p. 10). Simondon estabelece um “postulado da descontinuidade: a individualização não se realiza continuamente, o que significaria que uma individualização só poderia ser total ou nula, pois esse modo de aparecimento do estado como uma unidade não pode operar por frações unitárias (...). Aqui, a ideia do descontínuo é a de um descontínuo de fases, juntamente com a hipótese de compatibilidade de fases sucessivas do estado” (SIMONDON, 1989, p. 216).

15. Segundo o postulado defendido por Simondon de que “o relacionamento é uma modalidade do Estado; é simultâneo aos termos cuja existência assegura. Uma relação deve ser tomada como uma relação no Estado, uma relação do Estado, um modo de ser e não uma simples relação entre dois termos que poderiam ser adequadamente conhecidos por meio de conceitos porque teriam uma existência efetivamente separada e anterior” (SIMONDON, 1989, p. 24); cf. (TOSCANO, 2006, p.136-156).

16. É o que os gregos conheciam como *σὺζυγία*: comunidade de jugo.

transdutivas¹⁷ entre cada estrutura e cada operação lexical e sintática para integrar, afinal, uma forma constitutiva — os versos do poema a serem editados e divulgados — que, insisto, neste caso estava incompleto. Entendo, portanto, por transdução analógica a diligência de transferir ou a transferência já realizada de material sígnico por seu transdutor poético Vallejo, tanto nesse plano sintagmático como no plano paradigmático correspondente, Ambos os estratos das versões topológico-textuais são considerados evolutivamente¹⁸ dentro de cada uma das os recintos de escritura constitutiva dos três subcorpora genéticos: os coletivos *Poemas humanos*, *Espanha*, *afasta de mim este cálice e Poemas em prosa*.

Constato, assim, que Vallejo transferiu, diligentemente, uma informação topológica e poemática já dada em uma redação outra redação, em vista de, chegado o momento, formalizar, evolutivamente, um poema finito (intocável e irreparável). Mas desde que do ponto de vista de seu regime hermenêutico, os textos dos poemas póstumos ficaram em estado de receber novas correções, quero dizer, explorações léxicas e sintáticas calculáveis e noutros ensaios sintagmáticos livremente versificados, compreendo agora por transdução poemática a operação pela qual a propagação progressiva da escrita em forma de palimpsestos ao interior de cada suporte textual, funda a «sondagem poemática reparadora» numa reestruturação do mesmo enclave textual, reestruturação efetuada, então, sob a forma de locais reflexivos de escrita poemáticas¹⁹ manifestados, por sua vez, como modulações transdutivas ou transmodalizações²⁰. Ao perfilar e determinar as polifases sintagmáticas cristalizadas nos manuscritos e datilografados, essas transmodalizações nunca admitiram rasuras ou borrões²¹ ou então, em vez disso, traços das seguintes inflexões:

17. O termo transdução foi emprestado do vocabulário da biologia e transdutor adaptado de seu uso na transmissão de ondas acústicas ou visuais.

18. A transdução “não seria apresentável como modelo de procedimento lógico com valor de prova nem procedimento lógico no sentido comum do termo; é um procedimento mental, e ainda mais que um procedimento, uma diligência [e intuição] do espírito que descobre. Essa diligência consiste em seguir o estado em sua gênese, em realizar a gênese do pensamento ao mesmo tempo em que se realiza a gênese do objeto. Nesta pesquisa, a transdução é chamada a desempenhar um papel que a dialética não poderia desempenhar porque o estudo da operação de individualização não parece corresponder ao aparecimento do negativo como segundo estágio, mas a uma imanência do negativo na primeira condição . sob uma forma ambivalente de tensão e incompatibilidade” (SIMONDON, 1989, p. 26-27)

19. Ou seja, “a consciência reflexiva” do transdutor poético manifestada em traços de escrita: “uma consciência não reflexiva, incapaz de introduzir na própria conduta uma normatividade obtida da conduta, não perceberia esse domínio de transdutividade”; o simultâneo e o sucessivo não podem ser distribuídos em espécies; Eles só podem ser classificados de acordo com um ou outro tipo de função: “a ordem transdutiva é aquela segundo a qual um escalonamento qualitativo ou intensivo se estende de um lado a outro de um centro no qual culmina o ser qualitativo ou intensivo” (SIMONDON, 1989, p. 149.218) [El ênfase está no original].

20. Em relação ao nosso corpus, “a ação do germe estrutural sobre o campo estruturável, em estado metaestável, que contém uma energia potencial, é uma modulação. O germe arquetípico pode ser muito pequeno e adicionar pouca ou nenhuma energia; isso é suficiente que possua um alcance modulador muito fraco (...) quando um germe estrutural, que atinge um meio metaestável, ou seja, rico em energia potencial, expande sua estrutura dentro dessa área? não poderíamos levantar a possibilidade de uma propagação transdutiva da tomada de forma, avançando etapa por etapa, dentro do escopo? (...) o limite permaneceria modulando” (SIMONDON, 1989, p. 61).

21. Ao contrário de tantos manuscritos de escritores reconhecidos, em que se alterna a escrita original do texto romanesco, poética, dramática ou ensaística com estranhos desenhos e rabiscos, no severo trabalho de individualização de cada poema Vallejiano nunca encontra esse tipo de acréscimos extratextuais. De fato, na crônica de 1930 intitulada “Um encontro de escritores soviéticos” (republicado várias vezes na época e incluído no capítulo VIII da Rússia em 1931 – Reflexões sobre pé do Kremlin), Vallejo argumenta não apenas sobre a criação literária, mas também sobre a vida do escritor revolucionário: “Sua vida é um laboratório austero onde estuda cientificamente seu papel social e os meios de cumpri-lo” (VALLEJO, 1985, p. 528); do daí, conseqüentemente, nenhum traço de intromissões ou divagações de linhas pode ser encontrado em seus manuscritos.

- a. emendas manuscritas sobrepostas: ordem do transdutor do simultâneo;
- b. agregar referências no mesmo suporte textual com chamadas por meio de setas, linhas de conexão ou setas, por exemplo, o curso #: ordem do transdutor daqui em diante;
- c. listas lexicais riscadas na margem direita do suporte textual, capazes de ser readmitidas ou não nos sintagmas adjacentes: ordem dos transdutores do sugestivo;
- d. incorporação no suporte textual de léxicos contingentes e, portanto, não restituível em um sintagma: ordem transdutiva do adventício;
- e. indicadores referenciais para outro suporte textual da mesma natureza pertinentemente anexado: ordem do transdutor do continuado;
- f. digitações (xxx...) que cancelam frases tipográficas: ordem do transdutor da retificação

A estas polifases sintagmáticas que servem, em princípio, para alterar a escrita já traçada e, de fato, estragam e alteram sintagmas, invalidando-os, são acrescentadas as polifases léxicas neológicas cujas inflexões morfológicas e silábicas — nomeadas metaplasmos²² — se encontram espalhadas nos autógrafos do corpus:

- a. por adição: ordem do transdutor do complemento
 - no início: *prótese* (ex. ‘umbigo’, ‘te cuida ‘)
 - no meio: *epêntese* (ex. ‘endócrino’)
 - no fim: *paragogo* (ex. ‘vai se acovardar’; ‘colidir’; ‘tristeza’; ‘utensílios’)
- b. por exclusão: ordem do transdutor do invalidado
 - no início: *afêrese* (ex. ‘vespa’; ‘extremo’; ‘despesas’)
 - no meio: *síncope* (ex. ‘majestade’; ‘reverendos’)
 - no fim: *apócope* ou *elisão* (ex. ‘saliva’; ‘aflição’)
- c. por deslocamento: ordem do transdutor do que foi retirada a *metátese* (ex. ‘tão pouco’)
- d. por divisão de sílabas: ordem do transdutor do fracionado, o *trema* (ex. ‘suici dio’)
- e. por fusão sintática: ordem transdutiva do adstringente, a contração ou sinérese (ex, ‘talvez’, ‘apesar’).

Em suma, os manuscritos e tiposcritos dos poemas póstumos de Vallejo publicados fac-similarmente pela primeira vez na edição Moncloa (1968), não são autênticos poemas acabados mas textos poemáticos individuais, truncados, digressivos e definidos por seu sistema de tensão energética «Congelada»: essas composições poemáticas póstumas são, pela sua natureza, inconclusivas, mas mesmo assim impressas e difundidas²³.

22. Ver (DUPRIEZ, 1984, p. 289). Recordemos que desde a antiguidade os poetas reivindicam o direito de forjar neologismos: “Sempre foi permitido e sempre será criar palavras com a inflexão do momento atual” (li cuit semper quelibet, signatum praesente nota produtore nomen) (HORATIO); cf. (BALLÓN-AGUIRRE, 2017, p. 324 n. 61).

23. Cada um dos poemas póstumos de Vallejo como “objetos” se enquadra, então, na seguinte observação: “O objeto percebido dificilmente é um resultado passivo, pois possui um dinamismo que lhe permite transformar sem perder sua unidade; não é apenas uma unidade, mas também uma autonomia e uma relativa independência energética que o torna um sistema de forças” (SIMONDON, 1989, p. 74).

2.3. Alagmática transdutiva

Além dessa instância textual não terminada, enquanto a vulgar crítica literária ao uso vagabundeia entre os poemas de Vallejo, unicamente, desde sua edição impressa (textos receptus), quero dizer, desde essa sua versão inconclusiva, arbitrariamente, considerada pelos editores como *hic et nunc* «estável», definitivo, exclusivo, excludente e procedente de uma concepção hilomórfica banal do texto²⁴, o nosso procedimento de descrição poemática «instável» procurará conhecer o texto do poema através de seu processo de individuação poemática metastática. Entendo, então, por metaestabilidade poemática a individuação textual do poema, produzida pela tensão energética potencial de um determinado sistema morfológico, léxico, sintático e semântico; a presença nele de duas ordens de magnitude textual diferente (precedente/subsequente) e a ausência de comunicação interativa entre essas ordens, além do aumento da entropia poemática inicialmente informada, avança de etapa metastática em etapa metastática durante sua composição. Trata-se, então, do vir a ser funcional que se encontra e ativa com cada sequência textual, evolutivamente considerada nas versões diplomáticas dos poemas póstumos de Vallejo. Brevemente, é o que em música se conhece como *preludiar*²⁵ ou em teoria de individuação como *alagmática*²⁶, critério precisado pelo próprio transdutor poemático: a “decomposição ou vivissecação do processo de criação de um poema” (VALLEJO, 1973a, p. 97).

Como descrever e interpretar, então, a individuação própria da operação transdutiva ou «individuação em avanço» “do processo de criação de um poema”? Nesta operação transdutiva dos manuscritos a grafite/tinta e à máquina de cada poema, é a tensão energética entre o advento da exterioridade da linguagem identificada, em cada versão textual, não desde a língua ordinária, mas a partir da fala escrita do transdutor poemático- socioletal e idioletalmente valorizada, e a interioridade da redação transdutora plasmada em cada estado metastático do texto poemático que, por sua vez, constitui-se como ponto de partida da sua futura transindividualidade. De tal modo que a tensão dinamizada em cada individuação poemática, é duplamente conexa: a primeira conexão exterioriza linguoculturalmente a interioridade da redação metastática e a segunda conexão interioriza essa exterioridade linguocultural, originando o debate fundamental entre corroborar a construção do rascunho já plasmada tal qual ou sua possível alteridade²⁷, e, conseqüentemente, se possível, dando por aceitável ou contestando de alguma forma cada sintagma *in progress*.

24. Com efeito, “jamais a formação de um indivíduo natural ou técnico se estrutura na aplicação de uma forma a uma matéria (...) o esquema hilomórfico [não individualizador] infalivelmente deixa escapar as condições energéticas da tomada de forma, que residem nas potencialidades energéticas [do sintagma] já depositadas na estrutura da matéria [a língua, o socioleto e idioleto], que as condições naturais devidas ao acaso ou ao trabalho do homem [transdutor poemático] podem libertar, orientar, canalizar na formação de um indivíduo[-poema]” (GARELLI, 2005, p. 12).

25. Preludiar, de prelúdio (lat. *praeludium*, *praelusio*, fazer algo a título de ensaio): anunciar ou iniciar algo; fazer algo como um teste (escalas, arpejos, ensaios) antes de executar formalmente uma peça musical.

26. *Alagmática* é um neologismo composto de gr. *ἀλλαγὴ*, mudança, troca, e *ματικός*, referente a...; “Na base da ontogênese dos indivíduos físicos, há uma teoria geral das trocas e modificações de estados que poderia ser chamada de alagmática. Esse conjunto conceitual pressupõe que o indivíduo não é um conhecimento absoluto, e que sua gênese pode ser estudada a partir de um certo número de condições energéticas e estruturais: a ontogênese está inscrita na evolução dos sistemas; a aparência de um indivíduo corresponde a um certo estado de um sistema, a um sentido em relação a esse sistema. De resto, o indivíduo físico é relativo, não substancial: é relativo porque está em relação, muito particularmente em relação energética com os enclausuramentos [textuais], e essa relação faz parte do seu ser” (SIMONDON, 1989, página 233).

27. “A ressonância interna é o modo mais primitivo de comunicação entre realidades de diferentes ordens; contém um duplo processo de amplificação e condensação (...) A reciprocidade, a ressonância interna é a condição para o advento do coletivo. O coletivo é o que resulta de uma individuação secundária em relação à individuação vital, G. Simondon (1989:67 n. 11; 206-207); cf. nota 33.

2.4. Gênese e metastaticidades poemáticas

Semelhante escrita auto-exploradora, de sondagem e ressonância textual interna, será denominada gênese poemática: o vir a ser das sucessivas versões do texto do poema (e, remarco, não só de uma versão necessariamente final) captado a partir de seu *principium individuationis* (LOCKE, LEIBNIZ)²⁸ é compreendido como um texto poemático metastático que, ao individuar-se, desdobra-se e desfaz-se, genesicamente, para frente, para a sua reescritura; isto, ao contrário de uma gênese mais ampla, por exemplo, a gênese da poesia, seja já considerada no geral, seja de um poemário ou vários.

2.5. Informações sobre entropia poemática

Quanto à informação, agora no sentido de comunicação particular da entropia poemática, esclarecerei que é compreendida como o conjunto de dados (sinais, signos, símbolos) contidos em um manuscrito, tanto genésico como nonático que, por sua vez, “supõe um estado fundamental — o estado pré-individual- anterior a toda dualidade do emissor e do receptor, portanto, a toda mensagem transmitida”(SIMONDON, 1989, p. 20); e, conseqüentemente, “uma teoria da tensão de informação supõe aberta a série possível dos receptores: a tensão de informação é proporcional à capacidade que tem um esquema de ser recebido como informação pelos receptores não definidos antecipadamente” (SIMONDON, 1989, p.54).

Em diferentes termos, “a medida da obra não reside mais na sua finalidade -- o produto acabado que ela constitui--,mas no trabalho que expõe a produção com a qual ela quer atrair o seu leitor” (cfr. BARTHES, 1970, p. 198 e sig.). A partir desta contingência, a tensão energética da informação poemática seria, hipoteticamente, a propriedade que tem cada recinto ou cerco textual poemático²⁹ em processo de consolidação formal e estruturalmente como poema, de se propagar e ordenar, correlativamente, através desse âmbito de leitura apresentado, ou seja, de acondicionamento à luz das interpretações dos seus eventuais leitores³⁰, o que, do ponto de vista da antiga retórica, prosseguiria, a programação pelo transdutor de inventários, a disposição e, sobretudo, o cômodo do texto poético «em construção».

É claro que tudo isto se repercute na informação da entropia poemática que, ao mesmo tempo, terá em conta os seguintes fatores não compatíveis entre si:

2.5.1. Entropia poemática estável

Desde a perspectiva de sua formação e evolução individual, a energia firme, equilibrada e duradoura na versão final de cada poema singular toma, para si, um valor relativo duplo: de um lado, em relação aos rascunhos, esboços, apontamentos ou rasuras poemáticos dos quais

28. Cfr. (BRANDT BOLTOM, 1994), (McCULLOGH, 1994), (TOSCANO, 2006, p. 137 y sig.), (ILIADIS, 2013), (BARBER y GARCÍA, 1994).

29. A fim de evitar uma confusão terminológica com as acepções de campo e domínio semânticos, chamamos enclave e recinto textuais ao que Simondon denomina, respectivamente, campo e domínio (SIMONDON, 1989, p. 11,44, 64).

30. “O que aconteceria com uma leitura sem interpretação? A compreensão nunca se dá sob o modo da evidência; ela homologa inevitavelmente uma interpretação e mantém a abordagem de qualquer hermenêutica, ainda sob o regime da clareza.” (RASTIER, 2016, p. 39).

procede, como estados pré-individuais que assume implicitamente, mas sem eliminá-los e, de outro lado, sempre em relação a esta mesma instância pré-individual, mas agora incorporada a uma já impossível trava de individuações ulteriores. De tal maneira que um poema incluído e publicado nos poemários *Os arautos negros e Trilce* será para seus receptores-leitores uma forma acabada, terminada, cuja tensão energética quieta e estabilizada — inalterável, exceto pelos sempre presumidos erros editoriais — certamente corresponde ao mais alto grau de negantropia textual³¹.

Tal será, então, a «resolução final de um sistema poemático metastático»: o equilíbrio textual estável; e, portanto, desde a perspectiva operatória da entidade individual final de cada poema completo³², a individuação poético-textual dos poemas reunidos nos poemários impressos por encomenda direta, pessoal de Vallejo³³, é e deve ser considerada como «geneticamente equilibrada» ou «estado estável» de forma conclusiva que tenha, no que atualmente é, um texto todo consolidado, um «termo absoluto» Uma «Boa Forma»³⁴ inconclusiva, energeticamente esgotada, sem se tornar, resultado irrefragável das seguintes etapas sucessivamente atualizadas:

- a. O princípio da individuação textual inicial, pleno de potencialidades defensivas e cristalização poemática crescente;
- b. As operações manuscritas e tiposcritas de desfasamento pré-individual do texto do poema: as polifases sintagmáticas;
- c. E já no «sistema tenso» do poema impresso, individuado, a «forma do poema em estado implícito», isto é, a indagação do seu surgimento e sequência genésica.

É por isso que, desde a teoria da individuação, esta forma estável — o texto todo consolidado — carece de certo privilégio sobre seus estados metastáticos prévios, pois “é só a captação da forma cumprida em âmbito metastático que cria as configurações” (SIMONDON, 1989, p. 63) [A ênfase é nossa], ou seja, neste caso, as configurações poemáticas específicas que o constituem.

2.5.2. Entropia poemática metastática

Do ponto de vista filológico e hermenêutico, ao contrário, cabe insistir outra vez no eixo definitivo onde, como todos os poemas póstumos de Vallejo compilados nos coletícios *Poemas humanos, Espanha, afasta de mim este cálice e Poemas em prosa* ficaram *in media*

31. Em nosso critério, quando Simondon afirma que “a individuação, ou seja, aquele momento crítico em que a unidade e a coerência aparecem” (SIMONDON, 1989, pp. 74-75), esta individuação culminante concorda com o poema editado. Ali, “o aumento da entropia que corresponde à degradação energética do sistema implica a resolução de potencialidades iniciais. A aquisição em formas individualizadoras é certamente correlativa à degradação progressiva da energia potencial” (GARELLI, 2005, p. 14).

32. Entendemos por «entidade individual» o que, em filosofia, é um «indivíduo singular» (gr. άτομον e lat. individuum) e em poética por «versão mate». Porém, na edição da Obra poética completa de Vallejo pela Biblioteca Ayacucho se encontram cote genético várias “Primeiras versões” desses poemários (VALLEJO, 1979, p. 215-235).

33. A propriedade de coleta dos poemários *Os arautos negros e Trilce* como conglomerados de indivíduos-poemas obedeceria ao princípio pelo qual “a individuação em forma de coletivo faz do [poema-]indivíduo um indivíduo de grupo, associado ao grupo pela realidade pré-individual que porta nele e que, reunida à de outros [poemas-] indivíduos, se individualiza em unidade coletiva” (SIMONDON, 1989, p. 19; cfr. p. 20) [Itálicas do original].

34. A teoria da forma “define as boas formas pela impregnação e pela simplicidade; a boa forma, aquela que tem o poder de impor-se, impõe-se sobre as formas que têm menos coerência, nitidez, impregnação”; “A boa forma se distingue pela sua qualidade estrutural, não por um número” (SIMONDON, 1989, p. 84, 87).

res, ou seja, cuja realidade final é a de *textus interruptus*, providencialmente publicados, cuja função poemática é necessariamente hipotética, parcial e relativa; desequilibrada e irresoluta. De fato e direito, as suas hesitações potenciais de mudança e transformação poemática foram, reiteri, deixadas «em suspenso» à morte de Vallejo e, por isso, cada poema póstumo na sua manifestação presente, atual, como manuscrito ou tiposcrito, estabelece uma reciprocidade de estatutos genésicos e de modalidades operatórias entre cada «todo textual» e seus elementos, conformando um estado de sistema poético metastabelecido, interrompido e inevitavelmente consolidado nessa sua condição ainda provisória³⁵.

Quanto à observação — descrição, análise e interpretação — do fenômeno genésico instantâneo em cada enclave da textualização poemática manuscrita e datilografada, percebe e entende sua respectiva configuração (a considerar como princípio de individuação textual do poema ora como mero apontamento nonático, ora em estado de composição genésica suspensa, e inclusive como composto terminado em forma de versos publicados) a partir das próprias forças de coesão dos sintagmas poéticos, dialeticamente dinamizadas pela sua própria tensão sintagmática interativa (atração / repulsão), ou seja, pela ressonância criada³⁶ entre a função de totalidade textual pressentida³⁷ em futuro e à distância como forma arquetípica, e a função sintática imediata de cada partícula elementar contígua (monemas congregados em morfemas: forma hilomórfica) em estrutura de lexias e destas em sintagmas aí admitidos, formantes que podem ou não preexistir tanto no estado da língua como do socioleto e idioleto de Vallejo, atualizados durante a composição do poema bruto³⁸.

Digo, concretamente, que cada um dos poemas de Vallejo inconclusos, postumamente inseridos e difundidos nesses fascículos, inusitadamente publicados, é *relativo* a três sentidos:

- a. Porque não é a sua versão textual saldada (colmada, terminal e irrevogável);
- b. Porque a mediação entre o *a priori* e o *a posteriori* de cada modificação textual provoca uma tensão e uma metaestabilidade potencial do sistema formado no interior dos sintagmas modificados; e, finalmente,
- c. Porque o seu processo genésico inacabado, fracassado, resulta num estado metastático desequilibrado cuja entropia poética foi abruptamente terminada, anulando-se, a fortiori, a sua eventual potenciação.

Daí que ao ler a crítica vociferante vallejiana deve-se começar por aceitar que esses poemas não existem hoje nem como poemas-indivíduos, «fatos e direitos», nem como princípio de individuação textual final.

35. “A leitura dos textos incompletos levanta, sem dúvida, um problema particular: se bem que reflitam o ponto de vista do autor no momento da redação, ele não os garantiu com um acordo de publicação; isto é, eles carregam seu ‘assinatura’ mas não seu ‘selo’” (RASTIER, 2016: 32).

36. Como toda ressonância, a ressonância poemática pode ser fraca e vaga ou aguda e relativamente refinada, seletiva.

37. “Cada rascunho, cada reformulação precisa de um sentido futuro, já que a ação criadora tem uma dimensão crítica (comum à filologia e à hermenêutica material) e a sequência dos gestos semióticos confirma uma retificação constante de si mesma” (RASTIER, 2014, p. 18).

38. Fora dos metaplasmos já consignados em supra § 2.2, acrescentamos as inflexões de prosódia manifestadas pela acentuação inusitada do mesmo VALLEJO: “Tanto”, “decilitros”, “acovardar-se”, “Ser”, “Não”, “Te Cuida”, “abdómen”, “colidir”... ; cfr. (BALLÓN-AGUIRRE, 2018, p. 41 n. 71).

2.5.3. Entropia poemática nonática

Recordemos, por último, que muito distante de ambas as escrituras genésicas individuais — tanto as plenas, acabadas em sua complementaridade³⁹ e de equilíbrio estável (poemários: *Os arautos negros*, *Trilce*) como as inacabadas, de desequilíbrio metastático (coleções: *Poemas humanos*, *Espanha*, *afaste de mim este cálice*, *Poemas em prosa*) —, a escritura nonática é simplesmente de tensão energética pré-individual⁴⁰, pois cada texto nonático, traçado a grafite (esboços sintagmáticos e léxicos) não foi desdobrado por seu redator em fases genésicas exteriorizadas como polifases sintagmáticas, o que acontece com as demais escritas poemático-genésicas provisórias (rascunhos a lápis e esboços a máquina), salvo o caso excepcional do manuscrito correspondente ao segundo sub-corpus nonático (BALLON-AGUIRRE, 2018, 2^a, p. 581) que, evolutivamente, traspõe-se no manuscrito IA. 21, 22, 23 e termina no texto intitulado “Ande nu, em pêlo, o milionário!...” incluído na edição diplomática de *Poemas humanos* (Ibid., p. 377-398; BALLON-AGUIRRE, 2019b).

Nos sintagmas nonáticos, trata-se, então, da anulação do princípio axiológico de desconformidade poemática (modificação formal: supressão ou reinstalação, atenuação ou acréscimo de ordem morfológica, léxico, sintática e semântica) que, eventualmente, sustentaria a gênese de uma energia potencial capaz de permitir a transdução individualizadora. Nos sintagmas nonáticos, não há nem desajustamento nem sobre-saturação, ou seja, com exceção da contingência singular que acabo de citar, no interior de cada recinto sintagmático, não se faz expressa uma ressonância ou «reverberação interior» que tolere configurações sintagmáticas diferenciadas, não identificáveis nem com uma possível não-conformidade, nem com uma «captação de reforma»: aí a forma e a informação não avançam, nem se transformam no interior do enclave sintagmático em que se encontram, tal como estão, estagnadas.

É assim, a partir desta breve plataforma nocional em curso, que entendo continuar a descrição e interpretação do corpus e dos sub-corpus, constituídos pelo legado dos autógrafos póstumos de César Vallejo. O projeto previsto, orientado a posteriori pelos princípios teóricos e metodológicos da Saussure à luz da linguística interpretativa, deve ser testado para responder a uma interpretação genésica fundamentada.

4. Referencias bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. Dicionario de filosofia: Fondo de Cultura Económica, México, 1963.

BALLÓN-AGUIRRE, Enrique. Vallejo como paradigma (un caso especial de escritura): Instituto Nacional de Cultura del Perú, Lima, 1974.

BALLÓN-AGUIRRE, Enrique. La poética de César Vallejo (un caso especial de escritura): Universidad Autónoma de Puebla, Puebla, 1986.

39. “A complementaridade seria, então, a ressonância epistemológica da metastabilidade primitiva e original do real (...) a relação não surge entre dois termos que seriam já indivíduos; ela é um aspecto da ressonância interna de um sistema de individuação; ela faz parte de um estado de sistema” (SIMONDON, 1989, p. 15,18) [A ênfase é do original].

40. “Além do contínuo e descontínuo, há o quantum [magnitude descontínua] e o metaestável complementar (o mais de unidade), que é o verdadeiro pré-individual” (SIMONDON, 1989, p. 18)

- BALLÓN-AGUIRRE, Enrique. La producción literaria mesoamericana y andina colonial: Universidad Nacional Autónoma de México, México, 2017
- BALLÓN-AGUIRRE, Enrique. Manuscritos poéticos de César Vallejo. Edición diplomática: *Textes et cultures*, vol. XXIII, n° 2, París, 2018.
- BALLÓN-AGUIRRE, Enrique. César Vallejo. Poemas en prosa, algunos de Contra el secreto profesional. Edición diplomática: *Textes et cultures*, vol. XXIV, n° 2, París, 2019a.
- BALLÓN-AGUIRRE, Enrique. Llanto al que no habla: *Textes et cultures*, vol. XXIV, n° 4, París, 2019b.
- BONNEFOI, Yves. La poétique de Mallarmé, préface à Stéphane Mallarmé, Igitur, Divagations, Un coup de dés: Gallimard, París, 1976.
- BARBER, Kenneth F. y GRACIA, Jorge J. E. (eds.). Individuation and Identity in Early Modern Philosophy – Descartes to Kant: State University of New York Press, Albany. 1994.
- BARTHES, Roland. L'ancienne Rhétorique – Aide-mémoire: *Communications* n° 16, 1970, p. 172-229.
- BRANDT BOLTON, Martha. Locke on Identity: The Scheme of Simple and Compound Things: K. F. Barber y J. J. E. Gracia (eds.), 1994, p. 103-131.
- DUPRIEZ, Bernard. Gradus. Les procédés littéraires (Dictionnaire): Union Général ed' Éditions, París, 1984.
- FAGES, J.-B. Comprendre Lévi-Strauss: Privat, éditeur, París, 1972.
- HORACIO FLACCO, Quinto. Obras completas: Aguilar, Madrid, 1960.
- ILIADIS, Andrew. Informational Ontology: The Meaning of Gilbert Simondon's Concept of Individuation: *Communication and New Materialism* 1, vol. 2, september 2013, p. 4-19.
- JAKOBSON, Roman y LÉVI-STRAUSS, Claude. «Les chats» de Charles Baudelaire: R. Jakobson. Questions de poétique: Éditions du Seuil, París, 1973, p. 401-419.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. La pensée sauvage: Plon, París, 1962.
- McCULLOUGH, Laurence B. Leibniz's Principle of Individuation in His *Disputatio metaphysica de principio individui* of 1663: K. F. Barber y J. J. E. Gracia (eds.), 1994, p. 201-217.
- MOLINER, María. Diccionario de uso del español (DUE): Editorial Gredos, Madrid, 2001.
- RASTIER, François. Saussure: de ahora en adelante. Traducción de Enrique Ballón Aguirre: Ediciones Culturales Paidós, México, 2015.
- RASTIER, François. Sens et textualité (Deuxième édition augmentée): Lambert-Lucas, Limoges, 2016.
- RASTIER, François. Mondes à l'envers. De Chamfort à Samuel Beckett: Classiques Garnier, París, 2018.
- SAUSSURE, Ferdinand de. Cours de linguistique générale. Édition critique préparée par Tullio de Mauro: Payot, París, 1972.
- SAUSSURE, Ferdinand de. Écrits de linguistique générale: Gallimard, París, 2002.

SIMONDON, Gilbert. Les limites du progrès humain: *Revue de Métaphysique et de Morale*, Juillet-Septembre 1959, 64e Année, n° 3 (Juillet-Septembre 1959), p.370-376.

SIMONDON, Gilbert. L'individuation psychique et collective à la lumière de Forme, Information, Potentiel et Métastabilité: Aubier, Paris, 1989.

SIMONDON, Gilbert. L'individuation à la lumière de forme et d'information: Éditions Jérôme Millon, Grenoble, 2005.

SIMONDON, Gilbert. Ontechno-aesthetics: *Parrhesia. A Journal of Critical Philosophy* 14, 2012, p. 1-8.

TOSCANO, Alberto. The Theatre of Production. Philosophy and Individuation between Kant and Deleuze: Palgrave Macmillan, Hampshire, 2006.

VALLEJO, César. Obra poética completa: Biblioteca Ayacucho, Caracas, 1979.

VALLEJO, César. Crónicas. Tomo II: 1927-1938: Universidad Nacional Autónoma de México, México, 1985.

5. Outras fontes

BALLÓN-AGUIRRE, Enrique. Manuscritos poéticos de César Vallejo. Edición diplomática: <http://www.revue texto.net/index.php?id=4036>. http://www.revetexto.net/docannexe/file/4036/manuscritos_poeticos_de_cesar_vallejo.pdf Consultado el 15 de julio de 2021.

BALLÓN-AGUIRRE, Enrique. César Vallejo. Poemas en prosa, algunos de Contra el secreto profesional. Edición diplomática: 2007/Saussure/Archives/docannexe/Parutions/Archives/Parutions/Marges/index.php?id=4246. Consultado el 15 de julio de 2021.

GARELLI, Jacques. Introduction à la problématique de Gilbert Simondon. https://www.google.com/books/edition/_/i93EAcyjYV4C?hl=en&gbpv=1&pg=PA4&dq=simondon+individuation+pdf Consultado el 26 de junio de 2021

PETITIMBERT, Jean-Paul. La sémiotique à l'épreuve de l'écrit: régimes rédactionnels et intelligibilité. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25532020248124> Consultado el 12 de junio de 2021.

RASTIER, François. Sémosis et métamorphoses: <https://doi.org/10.1515/sem-2018-0129>, 2020. Consultado el 1 de julio de 2021.

SIMONDON, Gilbert. The Genesis of the Individual: https://monoskop.org/images/b/bc/Simondon_Gilbert_1964_1992_The_Genesis_of_the_Individual.pdf Consultado el 5 de junio de 2021.

SIMONDON, Gilbert. L'individuation à la lumière des notions de forme et d'information. https://www.google.com/books/edition/_/i93EAcyjYV4C?hl=en&gbpv=1&pg=PA4&dq=simondon+individuation+pdf. Consultado el 26 de junio de 2021.